



CONTRADIÇÕES DA CARNE – A MULHER E O NEGRO EM DOIS MOMENTOS DO NATURALISMO BRASILEIRO

Pedro Amaral*

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

pamaral@cebela.org.br

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar as obras *A carne*, de Júlio Ribeiro, e *Submundo da sociedade*, de Adelaide Carraro, representativas de dois momentos do Naturalismo brasileiro (e, ambas, censuradas quando de seu lançamento, sob a acusação de pornografia) do prisma das caracterizações da mulher e do negro por elas apresentadas. Nosso objetivo é examinar se as obras em tela serviriam para corroborar o ponto de vista segundo o qual o Naturalismo, em suas diversas fases, seria fundamentalmente conservador, diluidor de conflitos que marcam a sociedade brasileira, ou se, diferentemente – esta é nossa hipótese – as obras de Ribeiro e Carraro seriam exemplo sobretudo de uma postura contraditória, hesitante em relação a questões como o lugar da mulher e do negro na sociedade – e neste sentido refletiriam contradições e hesitações que, ontem como hoje, marcam o enfrentamento dessas questões no Brasil.

ABSTRACT: The aim of this paper is to analyse two authors – Júlio Ribeiro and his work: *A carne* and Adelaide Carraro and her work: *Submundo da sociedade*, two novels that epitomize distinct periods of Brazilian Naturalism (both works censured under the accusation of pornography) representing the prism of the characterizations of the woman and the black person by them presented. We focus on the images of feminine and black characters presented by those novels discussing whether they corroborate the assumption that Naturalism is essentially conservative, that it softens the conflicts which pervade the Brazilian society or – as we believe (this is our hypothesis) – the works of Ribeiro and Carraro represent a contradictory posture regarding questions as the role of women and blacks in the society – reflecting, therefore, contradictions and hesitations which are characteristic, until today, of the way Brazilian society address those themes.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira – Naturalismo – Adelaide Carraro – Júlio Ribeiro

KEYWORDS: Brazilian Literature – Naturalism – Adelaide Carraro – Júlio Ribeiro

* Doutorando em Letras pela PUC-Rio.

É coisa terrível a verdade em literatura. Os escritores não possuem a certeza dos matemáticos. [...] Nas letras a dúvida permanece eterna.

Émile Zola¹

Foi um século agitado, o século XIX brasileiro: iniciou-se sob a pressão de reivindicações independentistas de cunho liberal, que logo poriam termo ao período colonial, em seguida viu crescer pressões abolicionistas, explodirem revoltas provinciais (contidas às custas de embates sangrentos pelo governo central) que uniam elites insatisfeitas e massas desassistidas, e, ao fim, viu surgirem idéias republicanas, fortemente influenciadas pelo positivismo muito em voga, em meio a ventos democráticos e socialistas. Como lembraria Silvio Romero: “Na política é um mundo inteiro que vacila. Nas regiões do pensamento teórico, o travamento da peleja foi ainda mais formidável, porque o atraso era horroroso. Um bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte”.²

Exemplo memorável do pensamento de uma elite intelectual que rearticula discursivamente seus interesses sob o influxo desse *bando de idéias novas* é o libelo reformista proferido por José Bonifácio de Andrada e Silva à Assembléia Geral Constituinte, em que o célebre estadista propugna a extirpação (gradual, claro) do “cancro” da escravidão e enumera medidas voltadas para a transformação dos negros, de “escravos boçais e preguiçosos”, em cidadãos (de segunda classe, por suposto):

[...] porque só então conservando eles a esperança de virem a ser um dia nossos iguais em direitos, e começando a gozar desde já da liberdade e nobreza de alma, que só o vício é capaz de roubar-nos, eles nos servirão com fidelidade e amor; de inimigos se tornarão nossos amigos e clientes. Sejamos pois justos e benéficos, senhores, e sentiremos dentro da alma que não há situação mais deliciosa que a de um senhor carinhoso e humano, que vive contente e sem medo no meio de seus escravos, como no meio de sua própria família, que admira e goza do fervor com que estes desgraçados adivinham seus desejos, e obedecem a seus mandos, observa com júbilo celestial o como maridos e mulheres, filhos e netos, são e robustos, satisfeitos e risonhos, não só cultivam suas terras para enriquecê-lo, mas vêm

¹ Cf. ROMERO, Sílvio. **O naturalismo em literatura**. São Paulo: Tipografia da Província de São Paulo, 1882.

² BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 166.

voluntariamente oferecer-lhe até as premissas dos frutos de suas terrinhas, de sua caça e pesca, como a um Deus tutelar.³

Descrição idílica de um ordenamento social sem conflitos de classes, embora fortemente marcado pela hierarquia entre as classes; ordenamento fundado em pressupostos racistas, discriminatórios, mas que se propõe cordial, paternalista e magnânimo, sempre que os interesses da classe dominante encontrem no restante da população passividade e subserviência, e não resistência, insubordinação (episódios como a Revolta dos Malês e o massacre do Arraial de Canudos ilustrariam – no Império e na nascente República – o *modus operandi* dos donos do poder na lida com condutas desviantes por parte dos desvalidos...).

No bojo de uma denúncia da vileza da escravidão, que pervertia senhores e escravos, a situação do negro emergirá – em retratos de uma crueza inaudita – nos romances naturalistas de Aluísio Azevedo, de Adolfo Caminha, de Júlio Ribeiro, autores movidos por uma *sede de objetividade*, por um interesse em descrever a sociedade brasileira *sem idealizações, sem fantasias românticas*, como teriam feito Flaubert e Zola (e, antes deles, Balzac) com a sociedade francesa e Eça de Queirós com a portuguesa. O escritor como testemunha de seu tempo, disposto a agredir o *statu quo*, se preciso, para levar ao leitor *a verdade nua e crua*, proporcionando-lhe, assim, um mergulho na realidade, e não um devaneio – menos ainda um refúgio. “O meu objetivo foi acima de tudo um objetivo científico”, afirmará Zola em prefácio ao seu *Thérese Raquin*;⁴ e Jorge Amado, num segundo momento do naturalismo brasileiro, declarará haver-se servido, de “[...] um mínimo de literatura para um máximo de objetividade” na elaboração de *Cacau*.⁵ O texto literário como uma apresentação da verdade, não uma representação.

Outro tema que aparecerá nos romances naturalistas despido dos véus idealizantes próprios do Romantismo será a sexualidade. No cortiço de Azevedo, na corveta de Caminha, na fazenda de Ribeiro veremos personagens guiados pelas ‘pressões do meio’, mas, sobretudo pelos instintos, pela fisiologia – “arrastadas a cada ato pela fatalidade da própria carne”, diria Zola, mestre de todos esses autores. Com o álibi do interesse científico, surpreenderemos sinhás sedentas de sexo, escravos que

³ SILVA, José Bonifácio de Andrada e. **Projetos para o Brasil**. São Paulo: Publifolha/Cia. Das Letras, 2000, p. 32.

⁴ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 169.

⁵ SUSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?** Rio de Janeiro: Achiamé, 1984, p. 36.

copulam como bestas, marinheiros entregues à pederastia. Com efeito, nunca terá a literatura se interessado, amado, reverenciado tanto as ciências naturais como naquele período, em que as teorias evolucionistas de Darwin e os primeiros desenvolvimentos da genética ganhavam espaço do misticismo religioso, aproximavam os assuntos humanos dos assuntos da fauna e da flora.⁶ Assim, os romances do primeiro período naturalista, ainda que passem a inspirar, com o tempo, desprezo ou escárnio ou indiferença em vista de um determinismo algo exagerado, de um ‘esquematismo’ aborrecido, de uma fé cega em postulados científicos hoje caducos, fornecerão –por meio tanto de suas virtudes como de seus defeitos – retratos fidedignos dos costumes e idéias vigentes no Brasil que abolia a escravidão e que, dormindo monarquista, acordava republicano. É Gilberto Freyre (que arriscaríamos apontar como o autor do mais bem acabado romance naturalista brasileiro, o clássico *Casa-Grande & Senzala*⁷) quem cita *O Ateneu*, de Raul Pompéia e *A carne*, de Júlio Ribeiro – ao lado de obras de Machado, de Alencar e de Manuel de Macedo – entre os romances que poderiam servir de “fontes de informação ou simplesmente de sugestões” para “o estudioso da vida íntima e da moral sexual no Brasil nos tempos da escravidão”.⁸

Muito já se escreveu sobre o romance de Júlio Ribeiro,⁹ lançado no momentoso ano de 1888, de início excomungado como pornográfico, e que, se jamais ganhou da crítica literária o respeito de que gozam *Bom-Crioulo* e *O cortiço*, desfrutou de sucesso de público comparável ao dos romances de Aluísio Azevedo. Para ficarmos em exemplo recente: no capítulo “O realismo” de *História concisa da literatura brasileira*, Alfredo Bosi não se dá ao trabalho de dedicar uma nota biográfica a Ribeiro (como faz com Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha e outros citados entre “os principais naturalistas”), e vaticina, numa (concisa) nota de pé de página, que *A carne*, bem como *O cromo*, de

⁶ Para Alfredo Bosi, “O Realismo se tingirá de naturalismo, no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das ‘leis naturais’ que a ciência da época julgava ter codificado”. (BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 168).

⁷ Nesse caso, teríamos provavelmente o apoio de ninguém menos que José Lins do Rego, que anota, no artigo “O homem e a mulher”: “Uma coisa interessante é que, sendo Gilberto Freyre *tão rigorosamente científico* nas suas interpretações, seja tão ligado ao público pela sua exposição clara, pelo vigor de seu estilo, que é um verdadeiro achado literário”. (Destaques nossos) **Gordos e Magros**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942, p. 292.

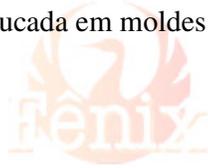
⁸ FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 39. ed. Rio de Janeiro: Record: 2000, p. 60.

⁹ Para uma revisão dessa literatura, remetemos o leitor a CHIARA, Ana Cristina de Rezende. **Leituras malvadas**. 1996. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

Horácio Carvalho, consistem em “Meros apêndices do Naturalismo”.¹⁰ Apêndice um tanto sedutor, ou em todo caso inescapável, se consideramos que a obra é mencionada outras três vezes no mesmo capítulo...

Acreditamos, contudo, em concordância com Ana Cristina Chiara, ser possível “[...] recuperar algo do sabor e um pouco do brilho que provocaram seu sucesso junto ao público ao longo dos anos”,¹¹ e interessa-nos perceber os reflexos d’*A carne*, passado quase um século, em *Submundo da sociedade*, de Adelaide Carraro – obra que também seria censurada sob a acusação de pornografia, e cuja autora conheceria, igualmente, o desprezo acadêmico e o sucesso popular. A leitura dessa “obra em dois tempos”, por assim dizer (*A carne* que se transfigura em *Submundo da sociedade*), nos permitirá examinar o que há de continuidade e de mudança nos retratos da mulher e do negro apresentados pelo Naturalismo brasileiro, e avaliar se de fato o texto naturalista “[...] se caracteriza pelo ocultamento da divisão, da diferença e da contradição”,¹² ou se ao contrário – esta é nossa hipótese – ele as faz emergir.

No início do romance, somos apresentados à personagem Lenita, rica de berço, educada em moldes bem superiores aos das moças e mesmo dos moços ricos da época:



Leitura, escrita, gramática, aritmética, álgebra, geometria, geografia, história, francês, espanhol, natação, equitação, ginástica, música, em tudo isso Lopes Matoso exercitou a filha porque em tudo era perito: com ela leu os clássicos portugueses, os autores estrangeiros de melhor nota, e tudo quanto havia de mais seleta na literatura do tempo.¹³

Órfã de mãe, Lenita torna-se (já na terceira página do romance) órfã também de pai, e é acolhida na fazenda do Coronel Barbosa, amigo da família, e que fora tutor do falecido. Na fazenda, além dos escravos, apenas o coronel e sua mulher entrevada – o filho quarentão viajara para caçar. Lenita passa os primeiros dias lânguida, afásica, entregue à depressão: quase não sai do quarto. Aos poucos, porém, começa a reagir, o que o autor descreve nesses termos: “Podia-se dizer que entrara em convalescença do cataclisma orgânico produzido pela morte do pai”.¹⁴

¹⁰ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p.194.

¹¹ CHIARA, Ana Cristina de Rezende. **Leituras malvadas**. 1996. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996, f. 124.

¹² SUSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?** Rio de Janeiro: Achiamé, 1984, p. 39.

¹³ RIBEIRO, Júlio. **A carne**. São Paulo: Savério Fittipaldi, s.d. [1888], p. 9.

¹⁴ Ibid.

É nessa convalescença que a carne começa a se manifestar, a exigir um pouco da atenção que a jovem concedia aos deleites intelectuais.¹⁵ Mesmo os solitários passeios pelos arredores (perobas, jequitibás, figueiras, guaratãs, taiuvas, paus d’alho, lianas, trepadeiras, orquídeas... o cenário é descrito com minúcia) vão se tornando experiências eróticas:

Lenita hauriu a sorvos largos esse ambiente embriagador, deixou-se vencer dos amavios da floresta. [...] E aspirava com delícias, por entre os perfumes da mata, o odor de si própria, o cheiro bom de mulher moça que se exalava do busto. [...] Lenita contemplava-se com amor próprio satisfeito, louca de sua carne.¹⁶

Interessante notar que Ribeiro penetra, aqui, em tema até então pouco presente na literatura, e que inclusive em vista do silêncio (e das meias-palavras e dos eufemismos) freqüentava a imaginação dos estudiosos e dos viajantes que passavam pelo país. Gilberto Freyre registra a observação de um visitante inglês, que viera ao Brasil “na expectativa de uma terra de moral feminina muito lassa”, e que se resignara a admitir, talvez com alívio ou decepção: “[...] nem em São Paulo nem em parte alguma que tenho visitado, testemunhei um só exemplo de leviandade que alguns autores dizem ser o traço mais saliente do caráter das brasileiras”.¹⁷ No sentido contrário, o sociólogo menciona a assertiva de Manuel Bonfim, para quem “[...] *não raro* a sinhá-moça criada a roçar os mulecotes, entrega-se a eles, quando os nervos degenerados acordam em desejos irreprimíveis”.¹⁸ Freyre sustenta que “Tudo, porém, nos leva a crer na extrema dificuldade das aventuras de amor das mulheres coloniais, a toda hora cercadas de olhares indiscretos”,¹⁹ embora não ignore, por certo, o apelo dos *desejos irreprimíveis*: “Objetar-se-á que o sexo é todo-poderoso quando desembestado, e não o negamos de modo algum”.²⁰

Ao naturalista, descrevendo o Brasil pós-colonial, é antes o sexo desembestado que a ausência de leviandade o que importa descrever. Com efeito, não são apenas as delícias da floresta que despertam os sentidos de Lenita. Uma escapada noturna para

¹⁵ A primeira manifestação, por sinal, se dá por meio da menstruação, fenômeno que poucas vezes terá recebido atenção de nossos escritores, e que o lírico da fisiologia descreve com beleza: “Uma larga mancha vermelha, rútila, viva, maculava a alvura da cambraia. Era a onda catamenial, o fluxo sangüíneo da fecundidade, que ressumava em seus flancos robustos como da uva esmagada jorra o mosto rubejante”. RIBEIRO, Júlio. **A carne**. São Paulo: Savério Fittipaldi, s.d. [1888], p. 11.

¹⁶ Ibid., p. 14.

¹⁷ FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 39. ed. Rio de Janeiro: Record: 2000, p. 478.

¹⁸ Ibid., p. 394.

¹⁹ Ibid., p. 478.

²⁰ Ibid., p. 395.

espiar o que se passava na “casa do tronco”, onde um escravo fujão era açoitado com o *bacalhau* (espécie de chicote), enche-a de prazer sádico:

Lenita sentia um como espasmo de prazer, sacudido, vibrante; estava pálida, seus olhos relampejavam, seus membros tremiam. Um sorriso cruel, gelado, arregaçava-lhe os lábios, deixando ver os dentes muito brancos e as gengivas rosadas. O silvar do azorrague, as contrações, os gritos do padecente, os fios de sangue que ela via correr, embriagavam-na, dementavam-na, punham-na em frenesi [...].²¹

Perturbada pelas intensas sensações que a tomam de assalto, a culta Lenita, no entanto, não tem dúvidas em relação ao que se passa:

[...] não estava doente, seu estado não era patológico, era fisiológico. O que ela sentia era o mando imperioso da sexualidade, era a voz da CARNE a exigir dela o seu tributo de amor, a reclamar o seu contingente de fecundidade para a grande obra de perpetuação da espécie.²²

Um século mais tarde, somos apresentados, no romance de Adelaide Carraro, a Cristina Alves de Almeida, “rica dama da nossa sociedade”. Sobre seu nível intelectual, nada sabemos, mas apenas que ela é desquitada e vive numa mansão com suas empregadas. Cristina, como Lenita, vive um mal-estar: “Sinto coisas estranhas a correr pelas minhas veias. Uma forte sonolência me persegue o dia inteiro”, ao que um amigo confidente, de modo algum desinteressado, responde com delicadeza: “– Eu sei o que é Cris. Já lhe falei. É o desejo da carne. Ninguém fica assim tanto tempo sem ter relações sexuais. Isso mata”.²³ A insatisfação, no entanto, persiste após sucessivos embates amorosos (“Tantos homens e as suas entranhas queimando de desejo”). Numa festa elegante, a desejosa Cristina observa os sapatos de couro de um convidado. Couro a faz pensar em boi, boi em vaca, e logo toda uma cena erótica se passa em sua imaginação:

O boi foi se aproximando de uma vaca, baixa e gordinha. Ansioso farejava o ar soltando um berro cheio de luxúria. [...] Babando, com os olhos saltando da órbita o boi arreganhava os beiços, mostrando os dentes enormes, súbito saltou sobre a vaca e, com uma estocada certeira, entrou até o fim, fazendo a vaca oscilar. Cristina suave, por todos os poros. Sentiu que uma coisa quente corria pela sua barriga, e ia se perder no sexo. Era o desejo. Desejo do macho.²⁴

Cena que o leitor tem a impressão de já haver presenciado no romance de Júlio Ribeiro, quando Lenita, num de seus passeios solitários, surpreende o encontro entre

²¹ RIBEIRO, Júlio. **A carne**. São Paulo: Savério Fittipaldi, s.d. [1888], p. 25.

²² *Ibid.*, p. 26.

²³ CARRARO, Adelaide. **Submundo da sociedade**. 4. ed. São Paulo: Gama, 1974, p. 108.

²⁴ *Ibid.*, p. 112.

uma vaca e um touro (e não um boi, pois neste caso o autor é um naturalista escrupuloso), naquela que é talvez a mais explícita descrição de um ato sexual em todo o texto:

O touro tinha-se aproximado de uma vaca muito gorda [...] Chegava-se, farejando ansioso, cheirava o focinho da vaca, cheirava-lhe o corpo todo; erguera a cabeça aspirando ruidosamente o ar, [...] soltara um berro estrangulado. [...] O touro lambeu a vulva da vaca com a língua áspera, babosa, e depois, bufando, com os olhos sangüíneos esbugalhados, pujante, [...] levantou as patas dianteiras, deixou-se cair sobre a vaca, cobriu-a, pendendo a cabeça à esquerda, achatando o perigalho de encontro ao seu espinhaço.²⁵

À diferença do que ocorre com Cristina ao fantasiar, no entanto, somos levados a crer que Lenita testemunha a cena não com excitação, mas com sóbrio interesse:²⁶ “Espírito culto, em vez de achá-lo imoral e sujo, como se apraz a sociedade hipócrita em representá-lo, ela achou-o grandioso e nobre em sua adorável simplicidade”.²⁷

No romance de Ribeiro, Lenita e Barbosa (o filho do coronel) formam um par de filhos da elite culta, e vivem um romance que se realiza primeiramente – e sobretudo, talvez – no plano da empatia intelectual (empatia que não se dá sem disputa), tendo como pano de fundo a rotina da fazenda escravagista. Em *Submundo da sociedade*, a rica Cristina forma par (ao menos enquanto duram os embates amorosos) com Zé, um rapaz negro, pobre, analfabeto, que na primeira parte do romance desembarca na grande São Paulo, para logo depois, ainda na Estação da Luz, se ver subtraído dos poucos pertences que trazia de Belo Horizonte: “Olhos grandes e morteiros, a boca de lábios grossos, a pele mulata. Estatura mediana. Era um tipo meio repulsivo”.²⁸ Será a primeira impressão da ricaça, ao depará-lo na segunda etapa.

A primeira parte do romance, constituída tão-só de diálogos quase sempre toscos e descrições sumárias, retratando em tom de denúncia a vida dos meninos de rua (pois Zé se torna um deles), é exemplo conspícuo daquilo que Flora Sussekind define como marco do Naturalismo dos anos 1970: a estética jornalística, a objetividade

²⁵ RIBEIRO, Júlio. **A carne**. São Paulo: Savério Fittipaldi, s.d. [1888], p. 45.

²⁶ “Improvável reação” que lhe atribui o autor, comenta Ana Cristina Chiara (CHIARA, Ana Cristina de Rezende. **Leituras malvadas**. 1996. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996, f. 134.) E de fato, em vista de tudo o mais que o romance apresenta, dando conta de uma extrema susceptibilidade da protagonista a todo estímulo sexual, essa curiosa substituição de erotismo por ciência nos parece um traço do ‘artificialismo’ que muitas vezes se atribuiu a Ribeiro.

²⁷ RIBEIRO, [1888], op. cit., p. 45.

²⁸ CARRARO, Adelaide. **Submundo da sociedade**. 4. ed. São Paulo: Gama, 1974, p. 118.

buscada na forma da reportagem.²⁹ Assim a autora relata, em linhas que não perdem atualidade: “São Paulo viveu como um braseiro neste tempo. A polícia agia com vigor, e às vezes com exagero praticando as mais violentas barbaridades [...]”,³⁰ e, ao relatar a história de uma personagem que se torna prostituta ainda criança: “Os pais dela são pobres e analfabetos. Na casa dela, não existe diálogo. Ninguém se cumprimenta nem para sair nem para entrar. *Vivem como animais*. [...] Vera, assim é o nome da menina que entrevistei [...]”.³¹ Por mais que a autora se empenhe em reproduzir fielmente as falas dos seus personagens/entrevistados, conservando mesmo palavrões e escatologias (“Porra, Laura, você não lavou a bunda”, “Porra, justo agora estou com vontade de mijar e cagar”, “Pegue aí o meu caralho”), às vezes parece não resistir – levada, talvez, pela mesma ânsia de clarividência – à tentação de fazê-los porta-vozes de um discurso jornalístico, ou institucional. Assim é que vemos Tião, o chefe da gangue de pivetes à qual Zé se integra, enunciar:

– As crianças [esquecidas pela cidade de São Paulo] estão aqui. Você, eu e todas as crianças abandonadas e toda as crianças que estão nos asilos do governo. Você não lembra que o repórter disse no jornal, que nós estamos enfrentando sem saber, os traumas que nos conduzirão à delinqüência e à marginalidade? Nosso futuro? BANDIDO.³²

Marco da indissociação entre realidade e ficção, entre narração e objetividade, que se pretende oferecer ao leitor, é a nota acrescentada pela autora à cena em que se descobre que as crianças haviam fugido do recolhimento provisório de menores: “Não conto como fugiram. Prometi ao menino *que me contou tudo o que aqui está escrito*”.³³

De volta a Minas, na segunda parte do romance, Zé emprega-se como vigia na casa da grã-fina Cristina, que continua às voltas com sua insatisfação sexual (“Tenho trinta anos e não sei o que é vibrar junto com o sexo oposto”). Acatando o conselho de um psiquiatra, que lhe recomendara repouso no campo, Cris viaja para a fazenda em companhia do vigia e das empregadas... e estamos de volta ao cenário d’*A carne*. Exceto que, aqui, tudo é descrito de modo expeditivo, sem a volúpia do naturalista de outrora: “A fazenda era como qualquer outra fazenda. A casa grande circundada de vastíssima varanda. O jardim bem cuidado em volta da casa. A piscina no gramado

²⁹ “Repete-se a estética naturalista, mas sob a forma do *caso clínico*, na virada de século; do *ciclo*, em Trinta; do *flagrante*, na década de Setenta”. SUSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?** Rio de Janeiro: Achiamé: 1984, p. 88.

³⁰ CARRARO, Adelaide. **Submundo da sociedade**. 4. ed. São Paulo: Gama, 1974, p. 44.

³¹ *Ibid.*, p. 45. (Destaque nosso)

³² *Ibid.*, p. 34.

³³ *Ibid.*, p.100. (Destaque nosso)

verde”³⁴ – enumera a autora, revelando uma pista: um símbolo do Brasil escravocrata (a casa-grande) continua lá. Faltava o representante da senzala.

Novamente os passeios solitários pelo mato, e novamente a observação fortuita, por parte da personagem ‘histórica’, de uma relação sexual, desta vez não entre um touro e uma vaca, mas entre Zé (com seu “pênis enorme”) e “uma mulatinha”. A agitação com a cena ainda persegue a patroa no dia seguinte:

Movimentando-se, daqui e dali e falando sem parar, pensava esquecer a cena da relação sexual entre Zé e a mulatinha. Cris precisava de um homem. Queria, desejava loucamente, ardentemente, estar debaixo de um homem. Queria senti-lo entrar em suas entranhas, freneticamente.³⁵

E à noite: “Esfrega o rosto na fronha macia, geme, chora, e a carne não pára de latejar”. A masturbação não resolve, e então: “Levanta-se e vai para o chuveiro. Senta-se na água gelada que empossa (*sic.*) o box. A carne descansa”.³⁶ Como sucedera com Lenita, o desejo insatisfeito de Cris desemboca em manifestações de sadismo: despertando mal-humorada, ela faz um passeio destruidor pelo engenho, que começa com um pontapé no cachorro, segue com agressões a mamões e abóboras, e logo ao gado, às galinhas, às patas, a um bezerrinho doente que ela finalmente mata (sofrem a fauna e a flora nas mãos da madame histórica...), até culminar num confronto com o vigia, que defende com destemor seu porquinho de estimação: “A força crescia dentro dele, era a do homem corajoso que não mede obstáculos para defender os fracos”.³⁷

O confronto é o estopim para que a patroa perceba seu desejo pelo negro: “Sim. Cris iria para o que a carne pedia. [...] Qual a utilidade de sentir a vagina eletrificar-se o dia inteiro? [...] Ia cair nos braços do negro. [...] Era a carne que gritava, esbravejava [...]”.³⁸

Quando Cris aborda, nua, o vigia que adormecera após um banho de rio – em cena que prenuncia a primeira transa do casal –, vemos essa narração nervosa que chega a lembrar a atmosfera d’*O cortiço*:

Zé arregalou os olhos. Zé apertou os olhos. Zé ficou gelado, frio, estático, duro. Zé queria chorar. Os olhos esbugalhados do Zé. Zé que viveu do lixo da grande São Paulo, o Zé que saiu da *podridão do*

³⁴ CARRARO, Adelaide. **Submundo da sociedade**. 4. ed. São Paulo: Gama, 1974, p. 127. (Destaque nosso)

³⁵ *Ibid.*, p. 134. (Destaque nosso)

³⁶ *Ibid.*, p. 135. (Destaque nosso)

³⁷ *Ibid.*, p. 137;

³⁸ *Ibid.*, p. 149-151.

submundo das prostitutas, dos cafetes (*sic.*), dos pederastas, dos maconheiros, dos traficantes, dos alcoólatras, dos maníacos, dos sádicos, e do horror do Recolhimento de Menores. O Zé que conseguiu sair limpo dessa enxurrada de *animais apodrecidos, devorados pelos purulentos vermes*, começava agora a ser envolvido pelas *patas viscosas da grande aranha negra, peluda, nojenta – A alta sociedade*.³⁹ (destaque nosso)

A passagem é bastante reveladora das intenções da autora e dos limites com que se defronta. Embora a intenção de denúncia transpareça em todo o texto, nada se salva, aqui: de um lado, temos a *podridão do submundo*, freqüentado por pessoas que afinal em nada diferem de animais apodrecidos. De outro, a “alta sociedade”, retratada como uma grande *aranha negra, peluda, nojenta, de patas viscosas*. No meio deles, fazendo a ponte entre dois mundos, Zé, o protagonista. Como ele é descrito no romance? Embora tenha atitudes bondosas e por vezes voluntariosas, próprias de um bom selvagem, Zé é descrito como uma criatura extremamente ignorante e ingênua, feia (“um flagelo de homem, sujo, maltrapilho”, “de dentes podres”), que age por instinto, incansável, sempre pronto para copular, e que ao fazê-lo despeja na parceira uma “baba viscosa” “abundante e quente”. Os diálogos entre ele e a amante são quase impossíveis, antes como após as repetidas cópulas (“Cris compreendeu que com ele não poderia haver diálogos assim de coisas difíceis”). Sua fala se aproxima do balbúcio,⁴⁰ assim como, *n’A carne*, as falas dos negros (uma “algaravia bárbara, horripilante”) carecem mesmo de tradução:

- Zelómo, disse Joaquim Cabinda, ussê penso bê nu quê vai fazê, lapassi?
- Penso, *mganga*.
- Intonsi, ussê qué mêmo si rissá ni rimanári ri San Mígue rizáma?⁴¹

Joaquim Cabinda, feiticeiro octagenário, inválido (“Era horroroso esse preto: calvo, beijudo, maxilares enormes, com as escleróticas amarelas, raiadas de laivos sangüíneos, a destacarem-se na pele muito preta”⁴²) é o personagem negro que mais se singulariza no romance. E de uma forma extremamente negativa: réu confesso de uma

³⁹ CARRARO, Adelaide. **Submundo da sociedade**. 4. ed. São Paulo: Gama, 1974, p. 152.

⁴⁰ Essa forma de racismo compassivo, por vezes cordial, que tanto se afirma característico da sociedade brasileira, aparece em passagem de outro romance de Adelaide Carraro, em que a protagonista lembra afetuosamente de Dora, sua empregada: “Era uma preta que por todo o semblante desprendia a alvura de uma alma branca”. (Id. **Eu e o governador**. São Paulo: L.Oren, 1967, p. 12.)

⁴¹ RIBEIRO, Júlio. **A carne**. São Paulo: Savério Fittipaldi, s.d. [1888], p. 49.

⁴² *Ibid.*, p. 48.

sucessão de crimes – cometidos contra outros cativos –, é queimado vivo pelos próprios negros. E então lemos:

O coronel, *homem bom, compassivo*, horrorizara-se a princípio com o fato que não pudera impedir; afinal entendera que o que não tem remédio está remediado, achara até que o exemplo não devia de fazer mal. [...] A sua morte [de Joaquim Cabinda], *como a de todo tirano*, for a um motivo de júbilo geral.⁴³

Curiosa passagem, que se inicia com uma denúncia da impunidade dos fazendeiros, dos seus abusos de poder naquela província de São Paulo onde, segundo o autor, “Até 1887 vivia-se em pleno feudalismo”, e que termina passando recibo da condenação e execução, como “tirano”, de um escravo – numa fazenda onde, ademais, como o romance evidencia, os escravos são castigados com métodos os mais cruéis de tortura. Coronel Barbosa e Joaquim Cabinda: o senhor de escravos bom e compassivo, e o escravo horroroso e tirânico. Paradoxos do naturalista, como aponta Alfredo Bosi:

Agredindo a vida pública e o *statu quo*, ele é ainda um rebelde e um protestatário,⁴⁴ [...] mas, introjetando-o nos meandros de sua consciência, reificando-o como lei natural e como seleção dos mais fortes, ele acaba depositário de desencantos e, o mais das vezes, conformista.⁴⁵

Imagens contraditórias da mulher, igualmente. Adelaide nos apresenta uma mulher emancipada, desquitada, livre para buscar o prazer sexual, e em diversas passagens convida o leitor a uma experiência de – quando menos – cumplicidade com esse prazer (“Cris sentia lá dentro de seu ventre aquela coisa grossa, comprida, pulando, latejando, fazendo-a experimentar toda a nova beleza da ressuscitação do amor”⁴⁶). Essa mesma mulher, no entanto, é em seguida descrita como um insensível, destruidora de lares – e, com efeito, Cris usa de toda a desfaçatez para convencer o amante, Lucas, a eliminar o pobre Zé,⁴⁷ atraído à casa-grande numa armadilha. Símbolo da alta sociedade

⁴³ RIBEIRO, Júlio. **A carne**. São Paulo: Savério Fittipaldi, s.d. [1888], p. 80.

⁴⁴ Ribeiro dá mostras disso ao dar voz aos pensamentos de Barbosa, que define a instituição do casamento como “sofrivelmente imoral e muitíssimo ridícula”, e prossegue: “O casamento do futuro não há de ser este contrato draconiano, que assenta na promessa solene daquilo exatamente que não se pode fazer”. (Ibid., p. 93.)

⁴⁵ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p.168.

⁴⁶ CARRARO, Adelaide. **Submundo da sociedade**. 4. ed. São Paulo: Gama, 1974, p. 156.

⁴⁷ Sugestiva, a admoestação de Lucas ao lânguido vigia: “-Abra o portão, seu atrevido. Outra vez que você entrar naquela casa, mando-lhe prender e peço aos tiras para lhe darem aquela surra”. (Ibid., p. 195.) N’*A carne*, os negros cativos eram ameaçados pela surra de *bacalhau* na “casa do tronco”; Em *Submundo...*, libertos, espreguia-lhes a surra da polícia, conivente com os caprichos da classe dominante. Não é verdade, como canta o grupo *O Rappa*, que “todo camburão tem um pouco de navio negreiro”?

desumana, covarde, e que permanece impune após cometer seus crimes, a mulher gozosa não é digna de complacência no tribunal de Adelaide.⁴⁸

Nos últimos momentos d'*A carne*, acompanhamos os estertores de Barbosa, que, abandonado pela amante, resolve suicidar-se, envenenado com curare. Parece-nos significativo que o romance termine focalizando a solitária figura masculina: o autor nos apresenta uma mulher independente, culta, à frente de seu tempo... mas não segue com ela até o final. Sua solidariedade parece recair na figura do amante frustrado, que ruma suas convicções sobre o sexo feminino:

[...] conhecia a fundo a natureza, a organização caprichosa, nevrótica, inconstante, ilógica, falha, absurda, da fêmea da espécie humana; conhecia a mulher, conhecia-lhe o útero, conhecia-lhe a carne, conhecia-lhe o cérebro fraco, escravizado pela carne, dominado pelo útero.⁴⁹

O texto sugere, evidentemente, outras leituras. Para Ana Cristina Chiara, por exemplo, a cena final d'*A carne* “[...] pode ser lida como uma condenação ao excesso de atividade mental que obriga o corpo à paralisia e acaba por levar, pelo menos simbolicamente, à morte da sensibilidade”.⁵⁰ Nesse caso, teríamos Lenita como um símbolo triunfante da feminilidade que se abre para a vida, para o novo (ela está grávida), para um convívio com os livros que não exclua a graça dos prazeres simples, as delícias da superficialidade; e Barbosa, o macho cioso de seu saber profundo, que sucumbe, triste, “isolado do mundo”.

Não nos parece, portanto, que, nos exemplos aqui examinados de “textos pautados por uma estética naturalista”, “[...] tudo visa à reconstituição, ao ocultamento das dúvidas e divisões”.⁵¹ Pelo contrário, parece-nos saltar aos olhos justamente a persistente contradição, a hesitação do escritor entre seus objetivos de participação política, de intervenção crítica no corpo social, e sua adesão a preconceitos de classe, ou a postulados ideológicos de classe. É, nesse sentido, em nosso entender, o texto naturalista de ontem e de hoje eminentemente revelador de um país com seus conflitos e contradições, embora por vezes o faça de modo errático, vacilante. Ou talvez justamente por isso.

⁴⁸ Autora, note-se, de outros títulos de fito denunciatório, como *Falência das elites e Eu mataria o Presidente...*

⁴⁹ RIBEIRO, Júlio. *A carne*. São Paulo: Savério Fittipaldi, s.d. [1888], p. 117.

⁵⁰ CHIARA, Ana Cristina de Rezende. *Leituras malvadas*. 1996. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996, f. 137.)

⁵¹ SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé: 1984, p. 44.